



ANARKIO | ANARQUIA | ANARCHY





ANARKIO | ANARQUIA | ANARCHY



A
anarquia - anarkio - anarchy -

anarkio.net

fenikso@riseup.net



Sobre Licença Creative Commons:

https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/deed.pt_BR

Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional (CC BY-NC-SA 4.0).

Você pode:

Compartilhar — copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato;

Adaptar — remixar, transformar, e criar a partir do material;

O licenciante não pode revogar estes direitos desde que você respeite os termos da licença.

Atribuição — Você deve dar o crédito apropriado (**copyleft para Fenikso Nigr**), prover um link para a licença e indicar se mudanças foram feitas. Você deve fazê-lo em qualquer circunstância razoável, mas de maneira alguma que sugira ao licenciante a apoiar você ou o seu uso.

NãoComercial — Você não pode usar o material para fins comerciais.

Compartilhar Igual — Se você remixar, transformar, ou criar a partir do material, tem de distribuir as suas contribuições sob a mesma licença que o original.

Sem restrições adicionais — Você não pode aplicar termos jurídicos ou medidas de caráter tecnológico que restrinjam legalmente outros de fazerem algo que a licença permita



Editorial

Questões práticas para ações anarquistas

A essencia da anarquia é ação direta, coletiva ou individual.

Para ação sempre há que se ter convicção plena sobre a anarquia e seu papel revolucionário, de transformação de todas as relações em que há pessoas envolvidas.

O mantra repetido muitas vezes em nossos materiais é que a anarquia não oprime, não é oprimida; não explora e nem é explorada. E com isso, temos uma amplitude de caminhos e ações. Há uma metodologia orientadora para que as práticas anarquistas sejam vividas da forma mais ampla e que proporcione o tesão necessário para uma vida mais plena, para satisfação de todas as nossas necessidades e até de nossas maiores paixões.

Ação, ação e mais ação... anarquia é intensidade, é energia, é vida, plena e amplificada com a participação constante de todas.

Organizar para ação e ação é organizativa e quanto mais pessoas se envolvem, mais potente é a ação.

Mas se pode fazer anarquia individualmente e principalmente quando tudo em volta é apatia, covardia, tristeza e medos... um ambiente tóxico e imobilizante tente a reduzir todas as potências das pessoas em rebanho indo para o abatedouro. Quando nesse ambiente bizarro e doente, uma pessoa anarquista não pode se ajoelhar ou cair em posição fetal em busca de proteções familiares. A anarquia é tacar o inusitado (uma insanidade rompedora de muros e cadeias) nessas condições.

Não há Estado, não partido, não há religião onde a anarquia prospera, porque a anarquia é resonância amplificada das energias primordiais, é conexão com infinito. Quando a angustia lhe pesar o peito e ao redor sobre as moscas, parasitas e a imobilidade latente das pessoas derrotadas, anarquia é luta, é resistência, é o levantar o tom, é indomável, é o grito de todas as pessoas oprimidas e exploradas. É remédio para o tédio, é remédio para depressão, é remédio para ansiedade. Anarquia é o fim dos tempos de opressão e exploração e de quem defende a manutenção da morte.

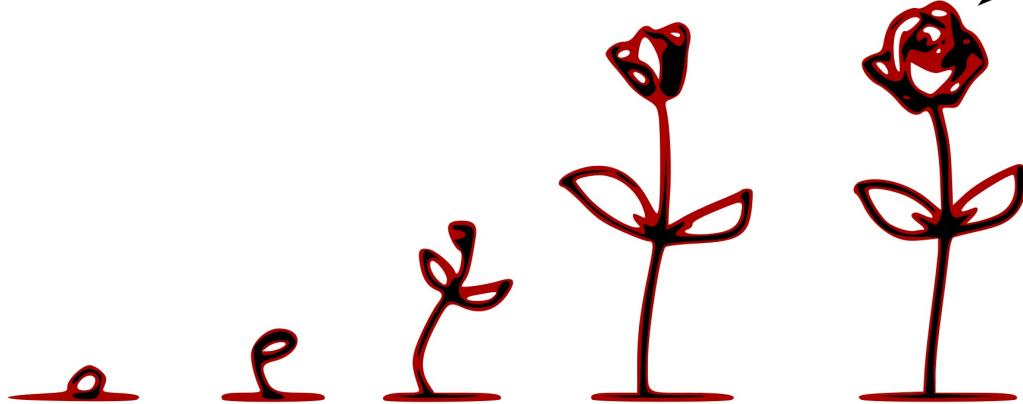
Anarquia é o eco que vibra nossas cordas subatômicas, a ponto de um explosão nuclear onde se libera muita liberdade e justiça.

Somos dignas e livres na luta!

SINDICALIZE-SE E LUTE PELOS SEUS DIREITOS.



anarkio.net



Sindicalismo e Movimentos Sociais

Dado o avanço de ideias “conciliatórias e partidárias” no meio anarquista, cabe de uma forma racional fazer o exercício de dialogo e critica que isso exige em nosso meio que é formado por múltiplas práticas, sempre tendo no anarquismo, sua base de inspiração. O que não se pode é aceitar certos discursos e práticas sem nenhuma avaliação ou compreensão do se faz.

Qualquer um ou grupo pode se autonomear do que quiser e fazer o que quiser, mas é da realização de suas ações que teremos de fato uma identificação clara ou aproximada do que realmente são, afirmando ou negando a autonomeação inicial e evidenciando aquilo que se entende por hipocrisia (afetação de uma virtude, de um sentimento louvável que não se tem; impostura; fingimento) e demagogia (promessas mirabolantes para iludir o povo, preponderância das facções populares = populismo!).

No caso presente, refletiremos sobre a questão do sindicalismo e movimentos sociais e os devidos desdobramentos na prática de luta de nossa gente.





Breve histórico do sindicalismo

Na maioria dos casos de estudos sobre o sindicalismo no Brasil, quase sempre se iniciam de forma abreviada sobre o anarcossindicalismo, quando citam a sua existência, em uma ascensão e queda vertiginosas, quase sempre atribuindo aos próprios anarcossindicalistas tal declínio, encerram o período com o decreto de Getúlio Vargas da CLT, que foi o ponto final no sindicalismo livre no país e o inicio de um período de mais de 70 anos da organização fascista no meio do trabalho.

Destacam nesses estudos, porém, a formação da CUT e da CGT, ambas oriundas das discussões e rachas dos caminhos que o sindicalismo deveria trilhar para avançar as lutas das trabalhadoras. Em nossa análise, entendemos que essa construção histórica atende aos interesses partidários no intuito de reduzir a força do anarcossindicalismo e suas práticas libertárias que marcaram por 30 anos a vida das trabalhadoras no Brasil. É um recorde grotesco, que distorce e oblitera a memória dos movimentos sociais e das trabalhadoras.

Vamos além, há diversas teses que tentam apagar a existência do anarcossindicalismo e dar ao sindicalismo revolucionário uma outra conotação que não a anarquista, mas de socialistas e outras vertentes ideológicas, que eram minoritárias e atuavam sem problemas dentro do sindicalismo revolucionário, de base anarquista como é mostrado nos documentos históricos, jornais e cartas do período. Procuram isolar o pensamento anarcossindicalista como peça de um museu bizarro inventado nas cabeças desses “iluminatti da esquerda institucional”.

Dante desses revisionismos só podemos com todo respeito, manter a luta daquelas companheiras, muitas assassinadas pela repressão estatal a serviço dos interesses do capital e por outro lado, pelas capangas das pessoas autoritárias de partidos defensores da ditadura vanguardista marxista.

O sindicalismo no Brasil tem origem com o fim da escravidão e com imigração, trazendo experiências de organização obreira, sobretudo de italianos e espanhóis.

Temos aqui um caso de transição de regimes de trabalho, que sobre uma analise mais aprofundada, veremos que possuem muito mais em comum do que se pode acreditar.

A mão-de-obra escrava foi se tornando cada vez mais difícil de obter a medida que se aperta o cerco abolicionista, traduzido em uma escalada de leis que visavam reduzir e eliminar o trabalho escravo aos poucos. Aliado à essas leis, a Inglaterra decretará em 1845, o “Bill Aberdeen” que era a pratica de atacar e aprisionar barcos de tráfico negreiro, elevando muito o preço das pessoas africanas. Por um certo tempo ainda houve tráfico

interno, mas com leis mais duras em vigência, a mão-de-obra escrava se tornou muito custosa.

Com o declínio da viabilidade do uso da mão-de-obra escrava no país, uma das soluções encontradas foi o uso da mão-de-obra assalariada principalmente imigrante. Não se pode afirmar que era uma mão-de-obra mais qualificada do que das pessoas africanas, uma vez que vieram justamente exercer o mesmo trabalho que as africanas já faziam, trabalhar inicialmente nos cafezais. É ilusório acreditar nisso e há de se perguntar por que não foi assalariada a mão de obra africana já existente no país?

Compreendendo a extensão das grandes plantações de café é fácil entender que era preciso muito mais trabalhadoras, o custo de trazer essas imigrantes de seus países foi muito menor do que fornecer aos africanos uma estrutura de vida assalariada, já que nada possuíam. Sem contar com o preconceito vigente contra as pessoas negras, que outrora eram suas escravas.

A omissão do governo e o desprezo dos fazendeiros com as africanas e suas descendentes, levaram a formar nas periferias das cidades, as primeiras favelas do Brasil, iniciadas no Rio de Janeiro, pelo destrato do Exército Brasileiro com os ex-combatentes da Guerra de Canudos, que sem os recursos prometidos, se alojam pelos morros da região carioca.

A opção pelo uso de imigrantes foi uma opção basicamente econômica e social (o embranquecimento do país!), porque mesmo que se optasse pela mão de obra africana assalariada, não haveria o suficiente, também recorrendo buscar mão de obra no estrangeiro. Considerando que para trazer a mão de obra africana seria muito mais cara porque deveria trazê-las em condições humanas (não mais nos tenebrosos navios “negreiros”), não havia tantos barcos nas condições adequadas entre África e América do Sul. A situação era diferente entre Europa e América do Sul, com rotas regulares de navios com as mínimas condições para trazer famílias inteiras, a opção natural foi por essa última. Mas há muito para estudar nesse período para entendermos de fato o que ocorreu e por quais caminhos.

A questão é que com a imigração, transformou-se as relações de trabalho.

Em princípio, grande parte dessas trabalhadoras foi para as lavouras de café, onde a exploração dos fazendeiros era imensa, gerando enormes atritos. As grandes fazendeiras habituados ainda com a escravidão, mantiveram posturas autoritárias sobre a mão de obra assalariada, o que leva a muitos abandonarem os campos e irem trabalhar nas cidades.

Devemos lembrar que é um período muito prospero para a cafeicultura, a maior mercadoria de exportação do país, gerando muita riqueza, a ponto de serem os políticos vinculados diretamente ao setor cafeicultor. Com essa prosperidade enorme, uma parte sobre influência da industrialização europeia, resolve formar as primeiras fábricas, do que é considerado por alguns economistas, a industrialização tardia brasileira. Essa implementação é de fábricas de plantas de custo baixo, pequenas e de substituição de produtos básicos. Mesmo assim necessitava de mão de obra assalariada. Muitos imigrantes, já familiarizados com o modo de produção industrial e ao chão de fábrica, formariam essa mão de obra.

Mas, igualmente como nas fazendas, a exploração exacerbada sobre as trabalhadoras incentiva a se organizarem em grupos de resistência, sindicatos, para se defenderem a exploração desenfreada das patronais.

É muito importante salientarmos isso, porque se para muitas ainda é presente as imagens da ditadura militar e o impacto dela no meio das trabalhadoras, por outro lado, pouco é lembrado sobre o período autoritário da Velha República e o quanto cruel foi esse período para as recentes organizações sindicais. É preciso frisar que as questões relacionadas ao trabalho eram tratadas como caso de polícia.

Não havia uma regulamentação trabalhadora e os governos não tinham nenhuma

preocupação com as exploradas e oprimidas. Todas as medidas governamentais do período foram de repressão contra as trabalhadoras. Uma delas para exemplificar, foi a Lei de Repressão ao Anarquismo de 1921 por Epitácio Pessoa. Outras medidas repressivas foram o aprisionamento em campos de concentração, como o da Clevelândia no meio da floresta amazônica; a deportação das pessoas subversivas estrangeiras; a divulgação de listas negras com nomes das trabalhadoras consideradas agitadoras; a constante perseguição policial e invasão nos espaços sindicais e as frequentes quebraqueiras nas gráficas operárias (empastelamento), impedindo a tiragem de material sindical. Mas recorrendo aos jornais do período, temos muitos casos de perseguições e assassinatos encomendados pelas patronais.

As trabalhadoras perseguidas, exploradas ao máximo em jornadas de trabalho de 12, 14 e 16 horas conseguiram se organizar para enfrentar tais abusos. É importante expor que esse processo organizativo foi feito por todas as pessoas trabalhadoras ou seja, mulheres, homens, idosas e crianças.

A Confederação Operária Brasileira (de acrônimo COB) foi criada em 1906, dado o avanço da organização realizada pelas trabalhadoras. Considerando a forte repressão, não só foi um marco importante, mas mostrava a capacidade organizativa e livre das trabalhadoras, muitas oriundas de concepções anarquistas. No desenvolvimento desse sindicalismo revolucionário, inspirado no modelo francês e italiano, as associações de resistência tinham compromissos com a educação das companheiras e de suas crianças, com Escolas Modernas (laicas e racionais) inspiradas em Francisco Ferrer.

Caixas de Greve eram levantadas para apoio as famílias das grevistas. Também contribuíam em ajuda médica e em caso de morte, havia amparo para a família da pessoa falecida, realizados a partir de contribuições simples de cada sindicalizado, sem imposição, sem obrigatoriedade. O processo sindical em si, era altamente educador e preparava as associadas à uma vida de bem estar e liberdade, bases para emancipação humana.

O mais importante em tudo isso é que não se separava as lutas sociais, econômicas e políticas.

Tudo era um só movimento de luta de classe, de confronto direto com as forças de poder e controle. Podemos escrever que os movimentos sociais nesse período estavam coordenados, unidos através da luta anarcossindicalista que contemplava a amplitude e integralidade da luta emancipatória. Seria estranho nesse período falar de movimentos sociais separados, pois não havia o pensamento partidarizado predominante como temos agora, o que levou a uma “especialização” das lutas e fragmentação dos movimentos sociais.

As greves gerais, paralisações eram comuns e práticas importantes da luta e educação entre as trabalhadoras. Destacam-se as Greves Gerais de 1917 e 1919, que são consideradas as maiores greves no Brasil até hoje, pela extensão da paralisação e impacto na sociedade daquela época.

Por outro lado, a introdução da ideia de um partido das trabalhadoras, das operárias, surge com o advento da Revolução Russa, que por um desconhecimento do que ocorria e os desdobramentos da contrarrevolução bolchevique, levaram a formar o partido comunista, que logo começaria a disputar os sindicatos com as pessoas anarquistas, tendo como orientação as coordenadas diretas de Moscou.

O fato é que o anarcossindicalismo enfrenta três inimigos clássicos: as patronais, o Estado e as partidárias de várias matizes (liberais, marxistas, reformistas).

Enfraquecido pelos constantes ataques e perseguições por essas inimigas, ainda consegue se manter, por exemplo, em 1934, haviam algo em torno de 50 sindicatos associados a Federação Operária de São Paulo (FOSP) e realizaram a Batalha da Praça da Sé (07 de outubro 1934), confrontando integralistas e tropas da Força Pública (a PM do período).

Mas o anarcossindicalismo desgastado pela repressão, ainda teria que enfrentar a ditadura de Getúlio Vargas que foi o ápice da repressão contra o movimento das trabalhadoras, contra os sindicatos livres. Tendo inspiração no fascismo de Mussolini,

Vargas decretou uma sequência de medidas que causariam impactos terríveis no meio sindical livre e revolucionário.

A começar pela necessidade de ter uma autorização do Estado para funcionar e regulamentar um sindicato. A seguir prendeu as sindicalistas consideradas subversivas e fechou todos os sindicatos que não se adequassem a nova legislação e abriu novos sindicatos de perfil corporativistas, fascistas e mesmo assim vigiados pelo Estado.

Outro marco do desmonte dos sindicatos revolucionários, livres foi a promulgação da Consolidação das Leis do Trabalho(CLT), uma camisa de força fascista que dura ainda hoje, embora com a reforma sindical de 2017, ela foi “flexibilizada”.

A CLT foi decretada em 01 maio de 1943, regulamenta o trabalho no país para satisfazer os interesses do capital, tendo o Estado através do Ministério do Trabalho, seu fiel escudeiro. Isso também conciliando com as diretrizes da Organização Internacional do Trabalho (OIT), braço do capital internacional dentro da Organização das Nações Unidas (ONU). É fácil imaginar porque, após 75 anos, a CLT e as práticas fascistas estejam impregnadas na organização do trabalho brasileiro.

Dos desdobramentos dessa história podemos entender o sindicalismo contemporâneo e compreender que todo sindicalismo formado a partir de reformas das estruturas institucionais, estavam e estão fadados a serem instrumentos, correias de transmissão do corporativismo fascista, amordaçando as trabalhadoras, mantendo lastro para o modelo capitalista funcionar.

Olhemos para a formação da Central Única dos Trabalhadores (CUT) para ilustrar e justificar o que expomos.

No processo de abertura política, uma forma que os militares encontraram para transferir de forma lenta, os poderes que tinha confiscado em 1964, e assegurar que tudo que tinham feito não pudesse ser passível de processos futuros, como a Lei da Anistia, que serviu a torturadas e torturadoras, criando ressentimentos e questões que ainda precisam ser resolvidas (talvez por uma Comissão da Verdade que se limitou apenas aos crimes contra os direitos humanos entre o período de 1946 até 1988).

O processo de abertura política abrandou a rigidez do sistema ditatorial, dando as condições para que os movimentos sociais recomeçassem a se organizar. Foi isso que ocorreu no movimento sindical. Foram levantados documentos em todo país através de encontros estaduais e que levara a I Conferência Nacional da Classe Trabalhadora (CONCLAT), reunindo os mais diversificados agrupamentos vinculados as questões do trabalho, de onde saiu uma Comissão pró-Central Única dos Trabalhadores, levando ao Congresso Nacional da Classe Trabalhadora em 1983, onde finalmente surge a CUT.

Esse caminho não foi direto e unívoco, houveram discussões, divergências e separações, que dariam mais tarde a formação da CGT (1986). Neste período a esquerda institucional formada por setores católicos, PT, PcdB, MR8 e outros atores políticos tentaram de forma hipócrita imprimir um papel unificador a nova central, algo que não tinha, além de um populismo que se estende até hoje. Criada visando a ruptura com o modelo fascista e corporativista, enfocando conceitos que sinalizavam algo como um sindicalismo revolucionário, na prática, se tornou uma central burocrática, institucionalizada e reformista.

Como havíamos comentado inicialmente, na construção da CUT, a história do sindicalismo no Brasil, a prática revolucionária do começo do século XX que descrevemos nas linhas passadas, foi completamente descartada, restando a nova central o uso de alguns slogans de efeito, tal como Lênin havia feito na Revolução Russa para atrair as trabalhadoras e traí-los posteriormente.

Não só os discursos e propaganda feitos pelas “lideranças” cutistas estão em flagrante desencontro com a sua prática reformista e pró-Estado, como se mantém na estrutura que critica, sendo a maior “central sindical do país”, com o número de filiadas: 3,9 milhões e de

sindicatos: 2.237, em 2016 (Ministério do Trabalho). Não precisamos estender nesse texto a história das outras centrais sindicais. Todas possuem discursos mais ou menos populistas, alguns até mais radicais, mas todos de práticas reformistas, burocráticos e recebendo do governo somas de sua relação orgânica com o Estado.

Com a reforma sindical de 2017, o imposto sindical, imposto, logo obrigatório deixou de drenar as trabalhadoras anualmente, mas abriu uma nova caça a recursos desses sindicatos pelegos/reformistas, fraudando assembleias para garantir uma verba das pessoas trabalhadoras, sem as representar de fato e abandona-las nos piores momentos.

NÃO TEM DIREITOS?





Os sindicatos hoje

Todo sindicato que busque legalidade, estará se sujeitando a lógica do modelo do tempo de Getúlio, embora tenhamos alguns pequenos avanços, a grosso modo, a subordinação ao Ministério do Trabalho é enorme.

A luta sindical legal é feita, sobretudo por advogadas e seus escritórios.

Algumas ainda tentam dentro desse espectro apontar algumas práticas diferentes, como as pelegas/chapa branca que são as coniventes com o sistema e praticam um sindicalismo de resultado e conciliador do trabalho. Não há um aprofundamento das questões das trabalhadoras, se mantendo superficial e buscando sempre o caminho do acordo com a patronal. É visto como extensão da patronal na harmonia do trabalho.

Por outro lado, há aquelas que praticam um sindicalismo corporativo, visando acima de tudo, resolver questões e gerar ganhos para a categoria a que estão vinculadas em detrimento das demais. É o que podemos considerar um sindicalismo “egoísta”, que só vê sua própria causa e só busca satisfazer os interesses de sua categoria. Um sindicalismo, sobretudo de resultado.

Temos as práticas sindicais ditas de “resistência”, com um viés radical e um discurso de “luta de classes”, que usa a estrutura sindical para manter uma luta por poder político de uma classe e o aparelhamento estatal em moldes marxistóides. Mas não há confusão, se mantém na estrutura sindical oficial, buscam a legalidade através do reconhecimento do Estado, do qual ambicionam controlar para praticar supostos programas “revolucionário”. Pensam o sindicato como uma extensão do partido revolucionário e assim o usa.

E por fim, os sindicatos revolucionários.

E são por uma questão simples: são construídos sem a anuência do Estado, sem a benção do patrão, buscando a legitimidade de fato no meio das trabalhadoras, ignorando as estruturas viciadas existentes: não há uma diretoria constituída, não há imposto sindical, não há funcionárias do sindicato, não há uma estrutura de privilégios, a construção é obra de todas e de acordo com o conceito: “A emancipação das oprimidas e exploradas é obra das próprias oprimidas e exploradas”.

Nesse sentido, é contrastante com as outras práticas sindicais, que usam os meios sindicais para favorecerem seus próprios interesses e construir um sindicalismo meio de vida.

O sindicalismo revolucionário é signatário do anarcossindicalismo, é construído atualmente com propostas amplas da luta, o que leva a terem uma interação muito maior com os movimentos sociais, aliás, trazendo o conceito de união das lutas de nossa gente, de forma a fortalecer todas as lutas sociais. Busca em cada trabalhadora a composição de uma energia coletiva, de um sindicato realmente livre e legítimo, reconhecidamente revolucionário por bem estar e liberdade, pela realização da emancipação de todas.

— TIPOS DE — VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

- PSICO
EMOCIONAL:
AMEAÇAS VERBAIS,
INSULTOS, OFENSAS

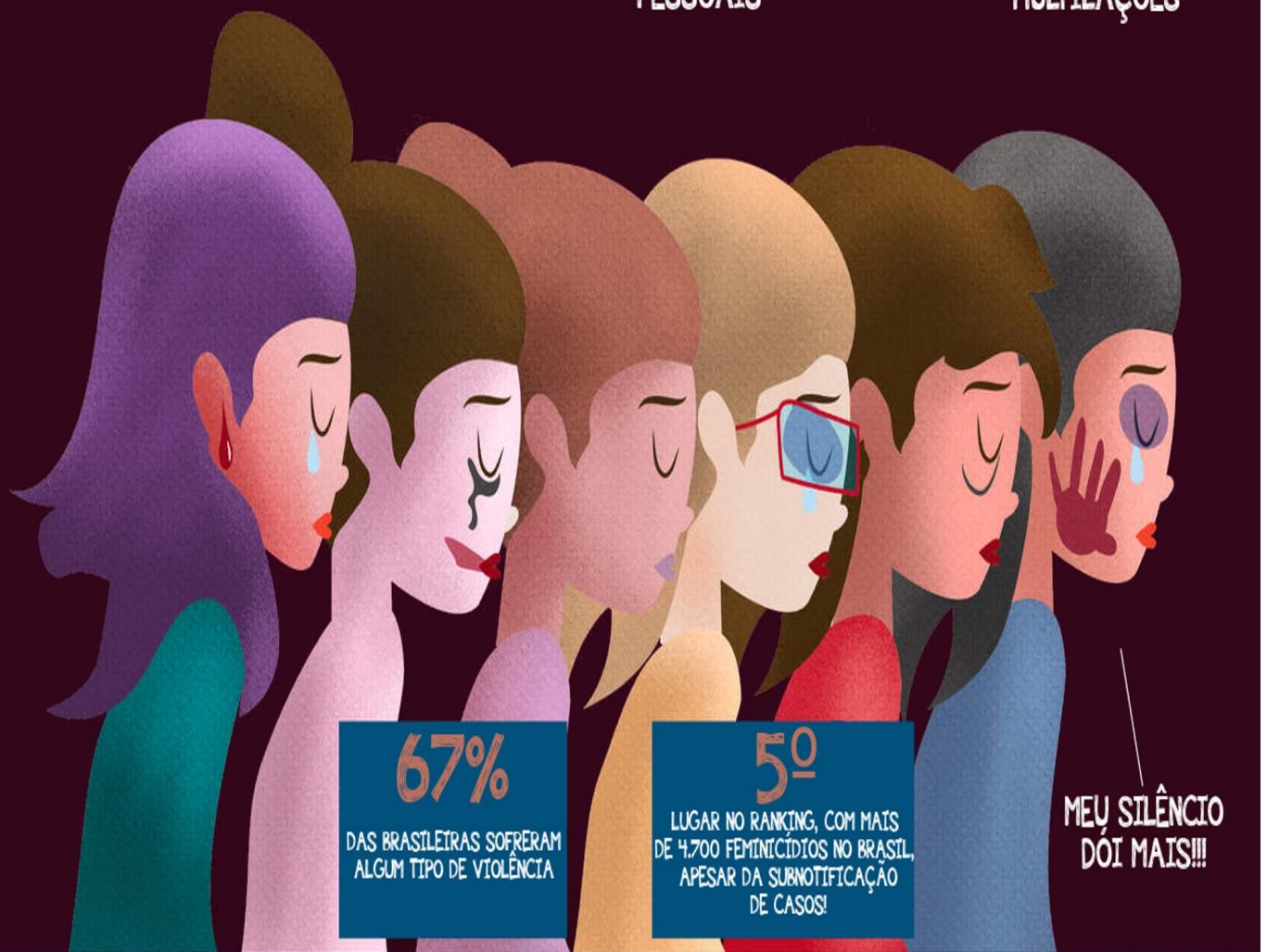
- POLÍTICA
AFETA SEUS DIREITOS,
DE ELEGER E SER ELEITA

- ECONÔMICO/
TRABALHISTA
NEGAÇÃO DE EMPREGO,
EXPLORAÇÃO E OPRESSÃO
TRABALHISTA

- SEXUAL
ASSÉDIO, VIOLAÇÃO,
EXPLORAÇÃO, ESTUPRO

- PATRIMONIAL
ROUBO, DESPOJO, VENDA
SEM CONSENTIMENTO
DE PERTENÇES
PESSOAIS

- FÍSICA
GOLPES,
AGRESSÕES,
FERIDAS,
MULTILAÇÕES



Amu la best
jí!



Arte W.Kolinska

Mangî legomojn!



Praktikaj aferoj por anarkiismaj agoj

La esenco de anarkio estas rekta, kolektiva aŭ individua ago.

Por agado oni ĉiam devas havi plenan konvinkiĝon pri anarkio kaj ĝia revolucia rolo, transformi ĉiujn rilatojn, en kiuj estas homoj implikitaj.

La mantra, multfoje en nia materialo, estas, ke anarkio ne premas, ĝi ne estas subpremata; ĝi ne eksplodas nek eksplodas. Kaj kun tio, ni havas amplekson de manieroj kaj agoj. Ekzistas gvidilo-metodaro por anarki-praktikoj vivi laŭ la plej larga ebla maniero kaj kiu provizas la necesan forton por pli plena vivo, por kontentigi ĉiujn niajn bezonojn kaj eĉ niajn plej grandajn pasiojn.

Ago, ago kaj pli da agado ... anarkio estas intenseco, ĝi estas energio, ĝi estas vivo, plena kaj plifortigita per la konstanta partopreno de ĉiuj.

Organizi por agado kaj ago estas organizaj kaj ju pli da homoj implikas, des pli potenca estas la ago.

Sed oni povas fari anarkion individue kaj precipe kiam ĉio estas apatio, malkuraĝo, malĝojo kaj timoj ... venena kaj senmoviga medio provas redukti ĉiujn potencojn de la grego homoj irante al la buĉejo. Kiam en ĉi tiu stranga kaj malsana medio, anarkiisto ne povas genui aŭ fali en feta pozicio por familia protekto. La anarkio devas tuŝi la nekutiman (paŝo frenezajo de muroj kaj ĉenoj) sub ĉi tiuj kondiĉoj.

Ne ekzistas ŝtato, neniu partio, neniu religio, kie anarkio prosperas, ĉar anarkio pligrandiĝas resonancon de praa energioj, ĝi estas ligo kun senfineco. Kiam angoro pezas sian bruston kaj ĉirkaŭ la mušoj, parazitoj kaj latenta malhelpeco de venkitaj homoj, anarkio estas lukto, ĝi estas rezisto, ĝi levas la tonon, estas indomable, ĝi estas la krio de ĉiuj homoj subpremitaj kaj ekspluatitaj. Fori estas rimedo por enuo, ĝi estas rimedo por depresio, ĝi estas rimedo por angoro. Anarkio estas la fino de tempoj de subpremo kaj ekspluatado kaj de tiuj, kiuj defendas la konservadon de morto.

Anarkio estas la e thato, kiu vibras niajn subatomajn akordojn, al la punkto de nuklea eksplodo kie libereco kaj justeco estas liberigitaj.

Ni estas indaj kaj liberaj en la lukto!



Sindikalismo kaj Sociaj Movadoj

Pro la progreso de ideoj "paciga kaj partio" en la anarkiista medio, ĝi estas racia maniero por la ekzerco de dialogo kaj ĝi kritikas ŝin postulas en nia medio kiu konsistas multoblajn praktikoj, havante cxiam en anarkiismo, lia inspira bazo. Kio ne eblas estas akcepti iujn parolojn kaj praktikojn sen ia ajn pritaksado aŭ kompreno pri tio, kio estas farita.

Ĉiu aŭ grupo povas nomi vin mem kion ajn vi volas kaj fari kion vi volas, sed la konscio de sia agado, ke efektive klara aŭ neklara identigo ol ili vere estas, asertante aŭ nei la komencan autonomeaçao kaj montrante kion signifas hipokriteco (afekto de virto, laŭdinda sento, ke oni ne havas; impostura, ŝajnigo) kaj demagogio (sovaĝaj promesas trompi la popolon, tropezo de populara = populismo frakcioj!).

En la nuna kazo, ni pripensos la aferon de sindikatismo kaj sociaj movadoj kaj la konvenaj evoluoj en la praktiko de nia popolo.

Mallonga historio de sindikatismo

En plej kazo studoj pri sindikatismo en Brazilo, preskaŭ ĉiam komencas en mallongigita formo de la anarki-sindikatismo, al la mencii lian ekziston en levas kaj kaptura falo, ofte atribuas al anarki-sindikatistoj posedas tian deklivon, konkludi la periodo kun dekreto de Vargas laboro Kodo, kiu estis la lasta punkto en libera sindikatismo en la lando kaj la komenco de periodo de pli ol 70 jaroj de faŝisma organizo en la mezo de laboro.

El tiuj studoj, aliflanke, la formado de la CUT kaj la CGT, ambaŭ levitaj pro diskutoj kaj fendoj de la vojoj ke sindikatismo devas piedpasxi antaŭi la luktoj de laboristoj. En nia analizo, ni kredas ke ĉi tiu historia konstruaĵo renkontas la partiano interesoj por redukti la forton de Anarkisindikatismo kaj liaj liberecanaj praktikoj kiuj markis 30 jaroj de aktiva vivo en Brazilo. Quei estas groteska registro, kiu distordas kaj detruas la memoron de sociaj movadoj kaj laboristoj.

Ni iras pretere, ekzistas pluraj teorioj kiuj provas viši la ekziston de Anarkisindikatismo kaj donu la revolucia sindikatismo alian implicojn ol anarkiisto, sed socialistoj kaj aliaj ideologia fadenojn, kiuj estis malplimulto kaj agis sen problemoj ene de la revolucia sindikatismo, anarkiisto bazo kiel estas montrita en historiaj dokumentoj, periodaĵoj kaj literoj de la periodo. Serĉi izoli la anarki-sindikatistaj penson kiel parto de groteska muzeo inventita en la mensoj de tiuj "Illuminati institucion maldekstran."

Donitaj ĉi tiuj revisionisms ni povas nur kun respekto, teni luktante tiuj kunuloj, multaj mortigita de ŝtata subpremo en la servo de la interesoj de la kapitalo kaj aliflanke, la dungosoldatoj de aŭtoritatataj homoj defendantoj de marksisma avangardo partio diktatoreco.

La sindikatismo en Brazilo originis de la fino de sklaveco kaj de enmigrado, alportante spertojn de laborista organizo, precipice de italoj kaj hispanoj.

Ni havas ĉi tie kazon de transiro de laboraj regimoj, ke pli profunda analizo ni vidos, ke ili havas multe pli komunan ol oni povas kredi.

La laboro, laboro sklavo iĝis pli malfacila akiri kiel premas sieĝo aboliciisto, tradukita en grimpita de leĝoj celis reduktante kaj forigante punlaboro laŭgrade. Aliancitaj al tiuj leĝoj, Britio dekreto en 1845, la "Aberdeen Ago" kiu estis la praktiko de ataki kaj malliberigis sklavkomero boatoj, multe levante la prezono de afrika popolo. Dum kelka tempo ankoraŭ ekzistis interna trafiko, sed kun pli fortaj leĝoj en forto, sklavlaboro fariĝis tre multekosta.

Kun la malpliigo de la vivebleco de la uzo de sklavlaboro en la lando, unu el la solvoj trovitaj estis la uzo de plejparte enmigranta salajrata laboro. Mi ne povas diri ke estis pli mano de verko kvalifikita ol la afrika popolo kiel ĝi venis nur plenumi la saman laboron kiel la afrika jam estis, komence laboris en la plantaciones de kafo. Ĉu ĝi estas iluzio kredi tion kaj scivoli kial la afrika laboristaro jam ekzistanta en la lando ne estis pagita?

Kompreneante la amplekso de grandaj plantaciones de kafo estas facile kompreni, ke estis necese pli laboristoj, la kosto de alportante tiuj enmigrantoj al iliaj landoj estis multe pli malgrandaj ol provizante Afrika vivo strukturo, ĉar nenio estis. Nek mencii la triumfan antaŭjuĝon kontraŭ nigruloj, kiuj iam estis sklavoj.

La registara malsukceso kaj malestimo farmistoj kun afrikaj kaj liaj posteuloj, gvidis por formi la periferio de urboj, la unua favelas de Brazilo, komencita en Rio de Janeiro, la brazila armeo mistraktado kun la eks-combatientes de la Canudos Milito, kiu sen la rimedo promesitaj, estas logigitaj en la montetoj de la regiono de Rio-de-anejro.

La eblo uzi enmigrantojn estis esence ekonomia kaj socia opcio (la blankado de la lando!), Ĉar eĉ se oni elektus afrikan dungan laboron, ne sufiĉus, ankau iros serĉi laboron eksterlande. Konsiderante, ke alporti afrikan laboron estus multe pli multekosta, ĉar ĝi

devus alporti ilin en homajn kondiĉojn (ne plu en la mallumaj "sklavaj ŝipoj"), ne estis tiom multaj boatoj en la ĝustaj kondiĉoj inter Afriko kaj Sudameriko. inter Eŭropo kaj Sudameriko, kun regulaj itineroj de ŝipoj kun la minimumaj kondiĉoj por alporti tutajn familiojn, la natura eblo estis por la lasta. Sed estas multe por studi en ĉi tiu periodo por vere kompreni kio okazis kaj en kiu maniero.

La afero estas, ke kun enmigrado, la laboraj rilatoj fariĝis.

Principe, la plej multaj el ĉi tiuj laboristoj iris al la kafaj plantejoj, kie la ekspluatado de la farmistroj estis enorma, generante enorman frotadon. Grandaj terposedantoj, kiuj ankoraŭ kutimiĝas al sklaveco, subtenis aŭtoritatajn poziciojn pri salajrata laboro, kaŭzante multajn forlassi la kampojn kaj labori en la urboj.

Ni devas memori, ke ĝi estas tre prospera periodo por kafi-kultado, la plej granda eksportaĵo de la lando, generanta multe da riĉaĵoj, al la punkto ke politikistoj estas rekte ligitaj al la kafkultura sektoro. Kun ĉi tiu grandega prospero, parto de la influo de eŭropa industriigo, decidas formi la unuajn fabrikojn, de kio estas konsiderata de iuj ekonomikistoj, la malfruan brazilan industriiigon. Ĉi tiu efektivigo estas de malaltaj kostoj, malgrandaj fabrikejoj kaj varoj anstataŭantaj plantojn. Malgraŭ tio, li bezonis salajron. Multaj enmigrintoj, jam konataj kun la maniero de industria produktado kaj la fabrika etaĝo, formus ĉi tiun laboron.

Sed same kiel ĉe bienoj, la troa ekspluatado de virinaj laboristoj instigas ilin organizi sin en rezistajn grupojn, sindikatojn, por defendi la senbridan ekspluatadon de dungantoj.

Estas tre grave substeki ĉi tion, ĉar se por multaj la bildo de la milita diktaturo kaj la efiko de ĝi al la laboristoj ankoraŭ ĉeestas, aliflanke malmulte memoras pri la aŭtoritata periodo de la Malnova Respubliko kaj kiom kruela estis ĉi tiu periodo por la sindikataj organizoj. Oni notu, ke la rilataj problemoj estis traktitaj kiel polica kazo.

Ne estis funkciaj reguladoj kaj registaroj ne zorgis pri la ekspluatitaj kaj subpremataj. Ĉiuj registaraj aranĝoj de la periodo estis de subpremo kontraŭ la laboristoj. Unu el ili por ekzempli, estis la Leĝo de Subpremo al la Anarkiismo de 1921 fare de la registaro de Epitácio Pessoa. Aliaj subpremaj rimedoj estis malliberigo en koncentrejoj, kiel Clevelândia en la mezo de la Amazona pluvarbaro; la deportado de fremdaj renversemaj personoj; la diskonigo de nigrat lertaj kun la nomoj de la laboristoj konsiderataj agitantoj; la konstanta polica persekutado kaj invado en la sindikataj spacoj kaj la oftaj rompiloj en la laboristaj grafikajoj (blokado), malhelpante la desegnadon de sindikatmaterialo. Sed uzante la ĵurnalojn de la periodo, ni havas multajn kazojn de persekutoj kaj murdoj komisiitaj de dungantoj.

La persekititaj laboristinoj, uzataj maksimume en labortempoj de 12, 14 kaj 16 horoj, sukcesis organizi sin por alfronti tiajn misuzojn. Gravas rimarkigi, ke ĉi tiu organiza procezo faris ĉiuj laboristoj, te virinoj, viroj, maljunuloj kaj infanoj.

La "Confederação Operária Brasileira" (acrónimo COB) estis kreita en 1906, donita la antaŭas de la organizon efektivigita de la laboristoj. Konsiderante la fortan subpremon, ne nur estis grava mejloŝtono, sed ĝi montris la organizan kaj liberan kapablon de la laboristoj, multaj de anarkiismaj konceptoj. En la disvolviĝo de ĉi tiu revolucia sindikatismo, inspirita de la francaj kaj italaj modeloj, rezistaj asocioj havis devontigojn pri la edukado de siaj inaj kunuloj kaj iliaj infanoj, kun modernaj (laikaj kaj racionalaj) lernejoj inspiritaj de Francisco Ferrer.

Strikkestoj estis levitaj por subteni la familiojn de la strikantoj. Ili ankaŭ kontribuis al kuracista helpo kaj en kazoj de morto, estis subteno por la familio de la forpasinto, farita de simplaj kontribuoj de ĉiu sindikatigita, sen altrudo, sen devigo. La sindikat-procezo mem tre edukis kaj preparis tiujn, kiuj rilatas al vivo de bonfarto kaj libereco, bazoj por homa emancipiĝo.

Plej grava en ĉi tio estas, ke sociaj, ekonomiaj kaj politikaj luktoj ne apartiĝis.

Ĉio estis unuopa movado de klasbatalo, de rekta konflikto kun la fortoj de potenco kaj regado. Ni povas skribi, ke la sociaj movadoj en ĉi tiu periodo estis kunordigitaj, kunigitaj per la anarki-sindikatista lukto, kiu kontemplis la amplekson kaj integralecon de la emancipiga lukto. Estus strange ĉi-momente paroli pri apartaj sociaj movadoj, ĉar ekzistas neniu reganta partia pensado kiel ni nun, kiu kondukis al "specialigo" de luktoj kaj fragmentado de sociaj movadoj.

La ĝeneralaj strikoj, haltigoj estis oftaj kaj gravaj praktikoj de lukto kaj edukado inter la laboristoj. La eneralaj Strikoj de 1917 kaj 1919 elstaras, kiuj estas konsiderataj la plej grandaj strikoj en Brazilo ĝis hodiaŭ, per la plilongigo de la halto kaj efiko en la socio de tiu tempo.

Aliflanke, la enkonduko de la ideo de laborista kaj laborista partio aperis kun la alveno de la Rusa Revolucio, kiu, pro manko de scio pri kio okazas kaj la disvolviĝo de la bolsevika kontraŭrevolucio, kondukis al la formado de la Komunista Partio. Pridisputi la sindikatojn kun la anarkiistoj, kun la rektaj koordinatoj de Moskvo.

Fakte estas anarki-sindikatismo alfrontas tri klasikajn malamikojn: la ŝtato kaj la subtenantoj de diversaj ombroj (liberaluloj, marksistoj, reformistoj).

Malfacile per konstantaj atakoj kaj persekutoj de ĉi tiuj malamikoj, ĝi ankoraŭ sukcesas konservi sin, ekzemple en 1934, estis ĉirkaŭ 50 sindikatoj asociitaj kun la Federacio de Laboristoj en San-Paŭlo (FOSP) kaj okazigis la Batalon de Sé Square (7an de oktobro) 1934), alfrontante Integralistojn kaj trupojn de la Publika Forto (la ĉefministro de la periodo).

Sed la anarcossindicalismo portita de la subpremo, ĝi devus alfronti ankoraŭ al la diktatoreco de Getúlio Vargas kiu estis la vertico de la subpremo kontraŭ la movado de la laboristoj, kontraŭ la liberaj kuniĝoj. Inspirante de la fašismo de Mussolini, Vargas dekretis sinsekvon de mezuroj, kiuj kaŭzas terurajn efikojn sur la libera kaj revolucia sindikata medio.

Komencante kun la bezono havi ŝtatan rajtigon por operaci kaj reguligi unio. Sekvanta la arestitaj sindikatanoj konsiderita renversema kaj fermis ĉiujn sindikatojn kiuj ne konformas al nova leĝaro kaj malfermis novan profilon sindikatoj corporativista, fašismaj kaj tamen gardis la ŝtato.

Alia limstoneo de la desmantelamiento de la revolucio, libera sindikatojn estis la rolado la Consolidated Labour Laws (CLT), a Fascist frenezjako kiu daŭras ĝis hodiaŭ, kvankam kun unio reformo 2017, ĝi estis "relajado".

CLT legiĝis la 1an de majo 1943, ĝi reguligas la verkon en la lando por renkonti la interesoj de kapitalo, kun la ŝtato tra la Ministerio de Laboro, lia fidela escudero. Tiu ankaŭ kombinante kun la gvidliniojn de la Internacia Labor-Organizo (ILO), la internacia ŝefurbo brako ene de la Unuiĝintaj Nacioj (UN). Facilas imagi kial, post 75 jaroj, CLT kaj fašismaj praktikoj estas trempitaj en la organiza de la brazila laboro.

La desenvolvimiento de tiu rakonto ni povas kompreni nuntempa sindikatismo kaj kompreni ke ĉiuj sindikatoj formis de instituciaj strukturoj reformoj estis kaj estas ligita esti instrumentoj de la fašisma corporativismo zonojn, gagging laboristoj, konservante balasto al la kapitalisma modelo laboro.

Ni rigardu la formado de la Centra Laboristoj Unio (CUT) por ilustri kaj pravigi kion ni elmontri.

En la procezo de politika malfermo, tiel ke la milita trovis translokigi malrapide, la potencoj kiuj kaptis en 1964, kaj certigi, ke ĉio estis finita ne povus esti subjekto al estonteco procezoj kiel la Amnestio Leĝo, kiu servis turmentis kaj turmentistoj, kreado rankoro kaj aferoj kiuj ankoraŭ devas esti solvitaj (eble per vero Komisiono kiu estis limigita nur al

krimoj kontraŭ la homaj rajtoj en la periodo de 1946 al 1988).

La procezo de politika malfermo mildigis la rigidecon de la diktatora sistemo, donante kondiĉojn al sociaj movadoj por ree organizigi. Ĉi tio okazis en la sindikata movado. Dokumentoj estis kolektitaj tra la tuta lando tra ŝtatrenkontigoj kaj gvidis la Unuan Nacian Konferencon de la Laborista Klaso (CONCLAT), kunigante la plej diversajn grupojn ligitajn al laboraj problemoj, el kiuj venis por-centra Komitato de Laboristoj, kondukante al Kongreso Nacia de la Laborisma Klaso en 1983, kie fine la CUT.

Ĉi tiu vojo ne estis rekta kaj univo, estis diskutoj, diverĝoj kaj disigoj, kiuj poste kondukus al la formado de la CGT (1986). En ĉi tiu periodo la institucia maldekstro formita de katolikaj sektoroj, PT, PcdB, MR8 kaj aliaj politikaj aktoroj provis hipokrite presi unuecan rolon al la nova centra, iu kiu ne havis, krom populismo kiu daŭras ĝis hodiaŭ. Kreita por rompi kun la faŝisma kaj korporacia modelo, temigante konceptojn, kiuj signis ion kiel revolucion sindikatismon, en praktiko ĝi fariĝis burokrata, instituciigita kaj reformisma centro.

Kiel ni antaŭe diris en la konstruado de la CUT, la historio de sindikatismo en Brazilo, la revolucia praktiko de la komenco de la dudeka jarcento, kiun ni priskribis en la lastaj linioj, estis tute forĵetita, lasante la novan centron la uzo de iuj sloganoj de efiko, kiel Lenin. En la Rusa Revolucio allogis la laboristojn kaj perfidis ilin poste.

Ne nur la paroladoj kaj propagandoj faritaj de la "gvidantoj" de la lando estas tre malkonsentaj kun ĝia reformisma kaj ŝtata praktiko, ĉar ĝi restas en la strukturo, kiun ĝi kritikas, estante la plej granda "sindikatcentro en la lando" 3,9 milionoj kaj sindikatoj: 2,237 en 2016 (Ministerio de Laboro). Ni ne bezonas etendi la historion de la aliaj sindikataj centraroj en ĉi tiu teksto. Ĉiuj havas pli-malpli populismajn paroladojn, iu eĉ pli radikalan, sed ĉiujn reformismajn, burokratajn praktikojn kaj ricevas de la registaraj sumoj de sia organika rilato kun la ŝtato.

Kun la sindikata reformo de 2017, la deviga sindikata imposto ĉesis malplenigi la laboristojn ĉuijare, sed malfermis novan ĉason de rimedoj de ĉi tiuj pelegos / reformismaj sindikatoj, armante asembleojn por certigi lageton da laboristoj, sen reale reprezentant ilin. kaj lasu ilin en la plej malbonaj tempoj.



La sindikatoj hodiaŭ

Ajna unio, kiu serĉas laŭleĝecon, estos submetita al la logiko de la tempa modelo de Getúlio, kvankam ni havas kelkajn malgrandajn antaŭenojn, proksimume, subordigo al la Ministerio de Laboro grandega.

La lega sindikata lukto estas farita, precipe de advokatoj kaj iliaj oficejoj.

Iuj eĉ provas ene de ĉi tiu spektro atentigi kelkajn malsamajn praktikojn, kiel ekzemple la pele-blanka telero, kiuj estas la konjunkcio kun la sistemo kaj praktikas rezultan sindikatismo kaj koncilianton de la laboro. Ne estas pliprofundigo de la demandoj de la laboristoj, tenataj malprofundaj kaj ĉiam serĉantaj la manieron de la interkonsento kun la dunganto. I estas konsiderata kiel etendaĵo de la dungantoj en la labora harmonio.

Aliflanke, estas tiuj, kiuj praktikas kompanian sindikatismo, antaŭ ĉio celante solvi demandojn kaj generi gajnojn por la kategorio al kiu ili estas ligita al la aliaj. Jen kion ni povas nomi "egoisma" sindikatismo, kiu nur vidas sian propran kaŭzon kaj celas nur kontentigi la interesojn de ĝia kategorio. Sindikatismo, precipe de rezulto.

Ni havas la tielnomitajn sindikatajn praktikojn de "rezisto", kun radikala antaŭjuĝo kaj diskurso pri "klasbatalo", kiu uzas la sindikatan strukturon por konservi klasbatalon por politika potenco kaj ŝtata rigideco en marksisma regimo. Sed ne ekzistas konfuzo, se ĝi restas en la oficiala sindikata strukturo, serĉi laŭleĝecon per la agnosko de la ŝtato, kiun ili intencas kontroli praktiki laŭleĝajn "revoluciajn" programojn. Ili pensas pri la unio kiel etendaĵo de la revolucia partio kaj tiel uzas ĝin.

Kaj fine, la revoluciaj sindikatoj.

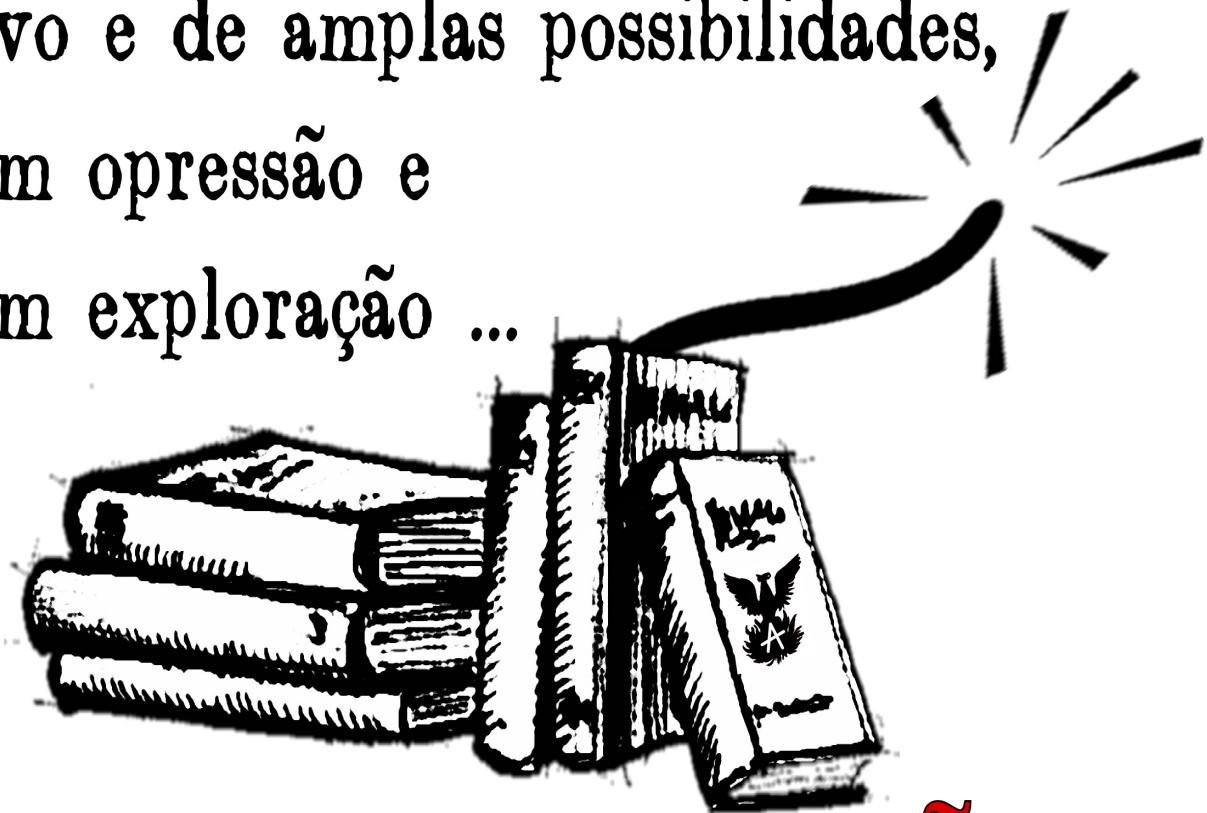
Kaj ili estas simpla afero: ili estas konstruitaj sen la konsento de la ŝtato, sen la beno de la estro, serĉante laŭleĝan faktoron inter la laboristoj, ignorante la ekzistantajn strukturojn viciadas: ne ekzistas estraro, ne ekzistas sindikata imposto, ne ekzistas laboristoj de la unio, ekzistas neniu strukturo de privilegioj, konstruado estas la laboro de ĉiuj kaj laŭ la koncepto: "La emancipiĝo de la subpremitaj kaj ekspluatitaj estas la laboro de la subpremitoj kaj ekspluatas."

En ĉi tiu senso, ĝi kontrastas kun aliaj sindikataj praktikoj, kiuj uzas la sindikatajn rimedojn por favori siajn proprajn interesojn kaj konstrui subtenan sindikatismo.

Revolucia sindikatismo estas subskribinto de anarki-sindikatismo, ĝi estas konstruita hodiaŭ kun ampleksaj proponoj de lukto, kio kondukas al pli granda interago kun sociaj movadoj, fakte, alportante la koncepton de kuniĝo de la luktoj de nia popolo, por plifortigi ĉion. sociaj luktoj. I serĉas en ĉiu laboristo la kunmetadon de kolektiva energio, de vere libera kaj laŭleĝa unio, certe revolucia por bonfarto kaj libereco, por realigi la emancipiĝon de ĉiuj.

Lembre-se

O anarquismo é dinâmico,
vivo e de amplas possibilidades,
sem opressão e
sem exploração ...



ANARQUISMO NÃO É

MERCADORIA!

SE NÃO PRECISA, NÃO COMPRE!

PREFIRA TROCAR - DOAR -

COMPARTILHAR - RECICLAR ...

SE TENS PRINCÍPIOS,

NÃO DEIXE OS "VALORES" TE MANIPULAR!



Barricada Libertária - lobo@riseup.net

Fenikso Nigra - fenikso@riseup.net

<http://anarkio.net>

Movimento Anarquista



CONHEÇA

AS PESSOAS
ENQUANTO EXPLORAM

Organiza

ENQUANTO

AS PESSOAS NOS OPRIMEM

LUTA

ENQUANTO AS PESSOAS NOS REPRIMEM

>>>>>>>><<<<<<<<

E ENTÃO *Viva* O QUE ELAS

TEMEM

